

O SENSO MORAL DE KARSTEN, TAMBÉM CHAMADO PAULO SILVA

(Considerações a respeito de um conto de Lygia Fagundes Telles)

Alfredo Leme Coelho de Carvalho

Na sua obra já clássica, *The Rhetoric of Fiction*, Wayne C. Booth estabelece o conceito do "unreliable narrator", isto é, do narrador que moral ou intelectualmente está distante do autor. Esta distância, na conceitualização de Booth, é a que "medeia entre o narrador falível ou não digno de confiança e o autor implícito, que leva consigo o leitor no seu julgamento do narrador". (1) A expressão "autor implícito" indica que devemos buscar na própria obra as suas normas, das quais discrepa o narrador.

"Na falta de melhores termos", diz Booth, "chamo ao narrador "reliable" quando ele fala ou age de acordo com as normas da obra (o que significa dizer, as normas do autor implícito), e "unreliable" quando ele não procede dessa maneira".

Segundo a nossa maneira de ver, a melhor tradução de "unreliable narrator" em português é "narrador infiel", a qual usaremos neste artigo, por mais bem-soante e expressiva. "Narrador que não merece confiança" e "narrador não fidedigno" seriam expressões talvez mais exatas, porém intoleravelmente rebarbativas. (2)

Explica Wayne C. Booth que o narrador infiel não costuma ser propriamente um mentiroso, embora isso também possa ocorrer. Mais frequentemente, "está equivocado, ou acredita possuir qualidades que o autor lhe nega". (3)

Estabelecidos estes preliminares, podemos passar ao assunto deste artigo, que é o conto "Helga", de Lygia Fagundes Telles (4). O valor literário desse conto deriva em grande parte da técnica da infidelidade narrativa. Sentimos que o narrador, embora diga a verdade ao contar fatos que o desabonam moralmente, é contudo infiel, ao atenuar a gravidade de seus atos, contrapondo-lhes reparações insuficientes e às vezes narrando com neutralidade o que mereceria repulsa ou remorso.

O título do conto é enganoso, dando ao leitor a impressão primeira de que o personagem central se chama Helga. Na verdade, a personagem central é o próprio narrador, Paul Karsten, também chamado Paulo Silva Filho. O conto, porém, não foi mal denominado, uma vez que aos olhos deste a figura principal é realmente Helga, uma mulher a quem ele feriu profundamente, e cuja imagem o acompanha.

Recapitulemos os fatos principais. Paulo Silva Filho, de pai brasileiro e mãe alemã, ginasiário em Blumenau em 1935, foi para a Alemanha a estudos, com o nome germanizado de Paul Karsten. Depois de uma estada agradável nas Casas da Juventude do regime hitlerista, sobrevindo a guerra, dela participou como soldado alemão. Terminado o conflito e desejando voltar para o Brasil, não o pôde fazer, uma vez que juridicamente seria considerado como traidor. Foi então que começou a realizar pequenos negócios, de moralidade duvidosa. Nisto veio a conhecer Helga e seu pai, "o velho Wolf", farmacêutico que já por duas vezes tivera o seu estabelecimento destruído por bombardeios. Estabelecida a amizade entre ambos, Wolf lhe sugeriu, como último negócio, o tráfico de penicilina, o qual deveria ser realizado rapidamente, ainda no período de confusão do pós-guerra. Tramaram juntos a sua realização. Faltava porém o capital inicial. Foi quando Karsten, que admirava a beleza e suavidade de Helga, se casou com ela. Esqueceu-me dizer que Helga usava uma perna artificial, em substituição à que perdera durante um bombardeio. Perna essa tecnicamente perfeita, que lhe permitia um andar quase normal. Karsten conta que na própria noite de núpcias fugiu, levando consigo a perna artificial, de enorme valor na época, cuja venda lhe propiciou os meios de iniciar o negócio imaginado por Wolf, enriquecendo rapidamente. Karsten voltou depois para o Brasil, beneficiado pela anistia e agora, entre uma e outra sessão com o analista, conta a sua história.

O roubo da perna artificial de Helga é sem dúvida chocante, e Karsten hesita em falar dele no início. Referindo-se a Helga, diz: "... é cedo para falar não sobre sua beleza — que deve ser lembrada sem enfado quantas vezes for necessário — mas cedo para falar sobre a perna, que val exibir explicação. A perna envolve viagem, guerra, a perna vai tão além... Sem esclarecimento tudo será apenas crueldade." Aqui entram em pleno acordo a técnica narrativa e a verdade confessional. A autora faz com que o narrador crie uma expectativa. Por outro lado é natural em quem confessa um grande crime aproximar-se dele a medo, tateando, e não através de uma declaração franca e brutal. Assim o leitor se mantém suspenso, enquanto o narrador ziguezagueia dilatoriamente, para chegar ao fim à conclusão inevitável.

Temos falado até aqui em Karsten, e não em Paulo Silva Filho. Fize-mo-lo de propósito. A sua personalidade, que se deixou penetrar pelo crime, formou-se na Europa. O herói deste conto não é o simples filho de Paulo Silva (nome, aliás, que pela sua freqüência e vulgaridade sugere uma pessoa qualquer). É definitivamente Paul Karsten, que nem mesmo voltando ao Brasil veio a ser de novo Paulo Silva Filho, do ponto de vista psicológico.

Díssemos que a personagem central nesta história não é Helga, como o título sugere, e sim Karsten. Devemos acrescentar que, em Karsten, os traços que sobressaem, presentes em todos os lances importantes do enredo, são as suas características morais. Péssimas, naturalmente, e apenas atenuadas, nas suas aparências, por ser ele o narrador.

Vale a pena analisar o senso moral de Karsten, em diversas relações: Helga, a pátria, a guerra, os pais, o sogro, a ambição de lucro, a ausência do verdadeiro arrependimento.

Podemos distinguir nas relações de Karsten com Helga três fases (dos sentimentos de Helga nada sabemos diretamente, podendo apenas tirar as nossas ilações, com base no seu comportamento, através da narrativa de Karsten). A primeira fase é a de admiração pela beleza da jovem, de que participam a sua voz calma e os seus gestos harmoniosos. Caracterizando esta fase, diz ele: "Não procurava, então, a mulher. Durante meses a caça à comida utilizava quase toda a imaginação e energia de que sou capaz, qualquer preocupação com mulher se dissipava nessa caça."

Karsten passa depois a sentir por Helga "fundo desejo", apesar da sua mutilação física, que não ignorava. Vem depois o "amor" por Helga. Esta última fase entraria em choque com a sua atitude final de roubo e abandono. A autora soluciona a aparente contradição, que poderia dar à história ares de inverossimilhança, com a ajuda do analista. Segundo Karsten, o analista considera o seu pretense amor por Helga apenas como um "recurso autopunitivo" criado pela imaginação.

De fato, a sua traição se coaduna melhor com o caráter de um homem movido, no campo sexual, apenas pelo desejo físico — de sua natureza transitório e intermitente — do que com os laços de um sentimento profundo e duradouro.

Para conciliar com o seu ato a existência de um verdadeiro amor, seria necessária maior ênfase em outra paixão, que certamente o dominava: a ambição. Teríamos então um outro Karsten: um homem de violentos conflitos interiores, um Macbeth transposto para uma situação diferente. Mas Karsten não se apresenta, no momento do crime, como um homem atormentado por angústias de ordem moral.

Passemos, entretanto, à análise de outras relações de Paul Karsten. Diz ele, textualmente, que é brasileiro mas já foi alemão. Não se lhe nota, porém, na personalidade, nenhum sentimento profundo em relação a qualquer das duas pátrias. O seu gosto pela estada na Alemanha vinha da convivência com outros jovens, nas Casas da Juventude, "com excursões, piqueniques, bicicletas, cerejas e sexo, em meio do cansaço feliz e a dose exata de melancolia" (p. 62), e da vaidade de participar de imponentes desfiles. Mas ele não se identifica com a causa hitlerista, assim como não se revolta contra ela. Referindo-se à Alemanha, diz: "Amizade e amor foi lá que conheci, próximos e concretos. E o ódio também, abstrato e longínquo, aos judeus, aos comunistas e a outras coisas mais que já esqueci." (p. 63) Nestas simples frases, onde encontrar o entusiasmo pelo nacionalismo alemão? Nem se procure nelas o lado oposto: qualquer reação moral ao belicismo expansionista do regime de Hitler.

Para com o Brasil, os seus sentimentos são também de uma indistinctível mornidão: "Quero confessar que não liguei muito quando soube que o Brasil entrara na guerra contra a Alemanha, mas devo dizer também

que achei bom não ter combatido contra soldados brasileiros." (p. 64) E acrescenta: "O que me faz pensar que nunca deixou de existir em mim alguma coisa do filho daquele Silva que sempre imaginei moreno-pálido, a cara comprida e os olhos tristes". O trecho revela, ao lado da ternura de um certo lirismo melancólico, um vago menosprezo pelo homem brasileiro, representado na figura pouco heróica do pai que ele assim imagina. A própria volta ao Brasil tem como móvel principal o desejo de descanso e de uma vida tranqüila (p. 64), não a saudade da pátria.

Outro fato bastante interessante e significativo é que Karsten quase não fala dos horrores da guerra. A este respeito, apenas menciona, acidentalmente, os bombardeios que causaram a mutilação de Helga e os desastres financeiros de seu pai, e, implicitamente, os sofrimentos deste último, estampados na sua ruína física. É verdade que o assunto da narrativa, como convém num conto, é bastante restrito, e não teriam cabimento largas digressões a tal respeito, mas essa omissão quase absoluta tem o seu sentido. Karsten diz apenas: "Não vou contar minha guerra, Polônia, França, Grécia, Rússia...", como quem tratasse de algum fato sem muita importância. Bastaria uma frase expressiva a respeito da guerra para que se mudasse a nossa impressão, mas Karsten não diz nada.

A respeito do pai, é, no início, bastante lacônico: "Filho de alemã de Santa Catarina e desse Silva brasileiro que não cheguei a conhecer". (p. 62) Por quê não chegou a conhecer? Não se dá ao trabalho de explicar. Mais tarde refere-se vagamente a ele, como vimos, com uma leve mescla de ternura, mas ainda sem nos esclarecer a seu respeito. Pela mãe revela alguma afeição, mostrando, porém, que nos planos que havia feito estão em primeiro lugar os seus próprios interesses, e só depois os dela: "... naquela altura meu desejo maior era esquecer a guerra, encerrar as férias na Alemanha e tranqüilamente voltar para Vila Corinto, casar por lá, cuidar do plantio, da vaca, e ajudar minha mãe que devia estar velha". (p. 64)

Com relação a Wolf, Karsten foi desleal e cruel. Roubou dele a idéia do tráfico de penicilina, sem dividir os lucros. Embora o visse como "um verdadeiro caco aos quarenta anos", um homem de "cara devastada" pelos sofrimentos, não hesitou em lhe infelicitar a filha, cumulando-o de mais desgraças. A este respeito, não ouvimos de Karsten uma palavra de arrependimento.

Mas sobretudo a sua conduta para com Helga foi atroz. Ele próprio o reconhece, ao falar tanto em Helga na sua narrativa, ao classificar o seu ato em relação a ela de "crime de guerra, pessoal e por conta própria" (p. 68), e ao dizer: "Não poder voltar para o Brasil decidiu minha sorte de continuar Paul Karsten o tempo necessário para enriquecer e nunca mais ter paz". (p. 64)

Esta última frase — "nunca mais ter paz" — inclina o leitor a olhá-lo pateticamente, e a esquecer certas circunstâncias que precisam ser consideradas, tendo-se em vista que, no caso, Karsten é, a seu modo, um adrogado em causa própria.

Em primeiro lugar, o crime foi cometido contra vítimas indefesas: uma pobre moça mutilada e um homem precocemente envelhecido. O aparelho roubado era essencial à felicidade da moça, uma vez que lhe permitia um andar quase normal, e era, naquelas circunstâncias, impossível a sua substituição.

É particularmente revoltante a escolha da noite de núpcias para a prática do crime. A não referência a qualquer conflito íntimo naquela situação, sugere o cálculo frio da ocasião materialmente mais fácil para que se executasse o roubo, sem consideração para o fato de que a perda da perna, sinergicamente ligada a uma tão tremenda desilusão amorosa, seria com certeza, para Helga, um golpe insuportável.

Esperávamos que, pelo menos, depois de enriquecer, Karsten se esforçasse por encontrar as suas vítimas, o que seria, talvez, difícil, mas não impossível. Ele nada diz, porém, a este respeito, e a omissão é bastante significativa: por quê silenciar uma atenuante de tanta importância, se ela realmente existisse?

Vemos, pois, que o arrependimento de Karsten é tardio e ineficaz, pois que não resulta em nenhuma ação reparadora. É igualmente, se bem o considerarmos, excessivamente fraco, uma vez que não leva a uma explicação adequada. Karsten não se submete a nenhuma penitência extraordinária. Consulta o psicanalista, como se o problema fosse de ordem médica, e não moral, e na "insipidez da virtude" procura e encontra a sua auto-punição. Nesta identificação de virtude com punição há, aliás, uma ironia tremenda, que o narrador não percebe.

Chegamos assim à conclusão de que o tom humilde e arrependido de Paul Karsten nada mais é que a máscara que para si fez, procurando enganar tanto a si próprio como aos seus leitores, o narrador Infiel.

(1) **The Rhetoric of Fiction**, Chicago, The University of Chicago Press, First Phoenix Edition, 1967, p. 158.

(2) A diferença entre "unreliable" e "Infiel" é que na palavra inglesa a infidelidade é potencial e aleatória, ao passo que na portuguesa ela é, ou aparenta ser, atual e consumada. Para efeitos práticos, entretanto, essa diferença não tem grande importância, uma vez que pela leitura da obra só sabemos que o narrador **pode** mentir ou equivoocar-se depois de o termos apanhado em falta. A palavra "Infiel", aliás, pode também ser entendida de modo mais abstrato, sem referência a um ato específico, o que a tornaria mais próxima do inglês "unreliable".

Advirta-se ainda que a palavra "Infiel" não implica necessariamente a intenção de enganar. Dizemos, por exemplo, que uma tradução é "Infiel" por estar em desacordo com o original, independentemente das intenções de quem a fez. Segundo Aulete, "historiador Infiel" é o "que não exprime a verdade", simplesmente. Não diz o dicionarista que seja o "que voluntariamente não exprime a verdade".

Aliás, a possível involuntariedade admitida pelo termo "Infiel" está bem clara na expressão "memória Infiel", também registrada por Aulete, isto é, a que falha, pouco segura, "que não inspira confiança".

(3) Op. cit., p. 159.

(4) **Os Melhores Contos do Brasil** (Premiados no I Concurso Nacional de Contos, realizado em Curitiba, no ano de 1968, sob o patrocínio da Fundação Educacional do Estado do Paraná), Rio, Edições Bloch, 1968.